



Configurações
Revista de sociologia

8 | 2011
Cultura, Tecnologia e Identidade

Introdução

Helena Machado e Ana Brandão



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/configuracoes/843>

DOI: 10.4000/configuracoes.843

ISSN: 2182-7419

Editora

Centro de Investigação em Ciências Sociais

Edição impressa

Data de publicação: 5 Fevereiro 2011

Paginação: 7-10

ISSN: 1646-5075

Refêrencia eletrónica

Helena Machado e Ana Brandão, « Introdução », *Configurações* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 21 fevereiro 2013, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/configuracoes/843> ; DOI : 10.4000/configuracoes.843

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© CICS

Introdução

Helena Machado and Ana Brandão

- 1 Nas sociedades contemporâneas, os objectos “híbridos” da ciência e tecnologia ocupam uma centralidade cada vez maior nas experiências vividas, no quotidiano e nas dimensões corporais e identitárias, nos modos de governação política e de regulação das interações entre o Estado e os cidadãos. Este número temático pretende dar um contributo para o questionamento crítico e reflexivo, da parte das ciências sociais, das implicações sociais, éticas, políticas e ideológicas dos processos de conformação mútua da cultura, da tecnologia e das identidades.
- 2 A discussão teórica que tem marcado a área (inter)disciplinar dos estudos sociais de ciência e tecnologia, nomeadamente por autores basilares como Bruno Latour, Sheila Jasanoff, Donna Haraway e Anthony Giddens, surge sistematizada no artigo de Holgonsi Siqueira e Márcio Medeiros, à luz da reflexão em torno da emergência de novas subjectividades e modalidades de exercício de cidadania no contexto daquilo que os autores designam de capitalismo tecnocientífico.
- 3 Uma das áreas temáticas que tem sido alvo de maior atenção por parte dos estudos sociais de ciência e tecnologia tem sido a emergência de novas modalidades de cidadania, de tipo tecnocientífico, enquadradas em diferentes formas de conhecimento produzidas a partir de objectos científicos e tecnológicos. Vários trabalhos que integram este número dão conta dos contextos sociológicos de produção e dinamização dessas formas de cidadania, em distintos contextos empíricos, desde matérias ambientais marcadas pela controvérsia pública e modalidades de tradução à reinvenção e atribuição de sentidos e significados às tecnologias médicas e genéticas.
- 4 O trabalho de José Manuel Mendes e Pedro Araújo analisa, a partir da questão da nuclearidade do urânio, o feixe de relações entre Estado, ciência, direito e cidadania, numa perspectiva comparativa das diferentes culturas políticas de Portugal e França, visando analisar as diferentes reconfigurações da cidadania sociotécnica e do papel da ciência nas controvérsias públicas e na esfera pública.
- 5 A discussão do impacto da ciência e da tecnologia no âmbito das políticas públicas e das configurações de cidadania tecnocientífica é também alvo de atenção no artigo de Bruno

Alves e Susana Silva, que foca as questões científicas associadas aos projectos de investigação em embriões realizados em Portugal, argumentando que a retórica da medicina personalizada e regenerativa tem capitalizado a genómica e a esperança na sustentação do apoio público à investigação em embriões.

- 6 Nos debates teóricos e investigação empírica no domínio dos estudos sociais da ciência e tecnologia, aqui convocados num sentido amplo, tem sido central o questionamento e reflexão crítica em torno da medicina e da medicalização das sociedades. O trabalho de Ângela Filipe e de Marta Roriz problematiza as construções hermenêuticas e epistemológicas do normal e do patológico no campo da medicina e psiquiatria, lançando pistas para uma abordagem crítica e reflexiva por parte das ciências sociais. Enquanto Ângela Filipe foca concretamente a *perturbação de hiperactividade com défice de atenção* para explorar as interconexões entre explicações biológicas e sociais do comportamento humano; Marta Roriz discute a *perturbação do pânico* para analisar as dimensões da experiência subjectiva de doença em articulação com questões mais vastas da economia política de saúde e das sociedades pós-modernas.
- 7 Outro campo que tem vindo a ganhar terreno no âmbito da abordagem das implicações sociais, culturais e políticas da crescente disseminação de objectos tecnológicos na sociedade diz respeito às formas de controlo e vigilância dos cidadãos e de combate ao crime. O texto de Bruno Cardoso apresenta uma análise do fenómeno da videovigilância, sustentada em pesquisa etnográfica no Rio de Janeiro. Encarando esta prática como um agenciamento sociotécnico destinado a classificar e categorizar a população para fins de controle social, o autor socorre-se da chamada teoria do actor-rede para discutir as implicações das descoincidências entre a retórica do discurso político sobre as capacidades da tecnologia, e as dificuldades e desafios trazidos por seu funcionamento prático.
- 8 Dando continuidade ao tema da incorporação de tecnologia no controlo de cidadãos suspeitos, mas focando especificamente as mensagens culturais mediáticas em torno de tecnologias de identificação de autores de crimes, o trabalho de Filipe Santos discute, a partir do caso concreto de dramas criminais televisivos, as implicações da incorporação na cultura popular e nos tribunais da retórica laudatória da ciência. Atendendo ao carácter tendencialmente homogeneizante destas narrativas mediáticas, o autor argumenta que o declínio da confiança dos cidadãos no Estado e no sistema de justiça pode reforçar a reemergência de uma espécie de ideologia positivista assente nas imagens de objectividade, neutralidade e certeza associadas ao conhecimento científico.
- 9 Os três trabalhos seguintes, tomando objectos de análise distintos, centram a discussão essencialmente nas formas de apropriação, uso e fruição da tecnologia por parte dos actores. A perspectiva de reflexão é, portanto, e de certa forma, a inversa: debater os modos como as tecnologias são usadas, (re)configuradas, fonte potencial de regulação e/ou exclusão, mas também de exercício da autonomia e/ou de inclusão.
- 10 O trabalho de Sérgio Francisco parte da perspectiva dos próprios actores que se servem das tecnologias ao seu dispor e, por essa via, acabam por - intencionalmente ou não - reconfigurar as relações de poder entre produtores e consumidores. Numa aproximação ao universo dos blogues, o autor traça as mudanças ocorridas na indústria musical nas últimas décadas e o modo como a internet tem sido apropriada, em especial pelos jovens, para actividades de *download* musical, sustentando mudanças nas formas de acesso e de relacionamento com os bens culturais. Entre uma visão simplificada destes *bloggers* ora como criminosos, ora como revolucionários culturais parece contrapor-se a perspectiva

mais prosaica – ainda que com cambiantes diversos – dos próprios envolvidos, mais apostada em facilitar o acesso à produção musical por parte daqueles que, por razões económicas ou culturais, tendem a ser excluídos dela.

- 11 Rodrigues e Crippa, num trabalho de cariz eminentemente conceptual, discutem, de seguida, a noção de “museu virtual” por contraposição à de museu tradicional, problematizando aspectos como os modos de fruição, de acesso e de (re)produção de obras de arte, designadamente sob os efeitos da introdução das novas tecnologias a ambos os níveis. Partindo da conceptualização de Walter Benjamin sobre a reprodução das obras de arte, defendem a aplicabilidade da noção apenas aos espaços/sítios onde é possível encontrar novas obras produzidas por e para o meio virtual através de *software* próprio.
- 12 O texto de Simões, Las Heras e Augusto conclui este número, abordando as relações entre as tecnologias da informação e comunicação e a sua relação com o género, mostrando o carácter fortemente genderizado não tanto do acesso, mas do uso da tecnologia. Partindo dos resultados de uma investigação empírica, as autoras ilustram os modos como os tempos, os tipos e as competências de uso de tecnologias – incorporadas em objectos como os computadores ou os telemóveis – se diferenciam de acordo com o género e o modo como essa diferenciação se liga à incorporação e reprodução das diferenças de género e, em particular, à divisão sexual do trabalho no espaço doméstico.
- 13 A potencial riqueza do exercício de discussão teórica e análise empírica da presença da ciência e tecnologia em distintas esferas da vida social, entendida enquanto conjunto de práticas e culturas, surge claramente ilustrada nos diferentes artigos que compõem este número da revista *Configurações*. Estes textos evidenciam as interconexões heterogéneas e complexas de relações sociais de poder e espelham, a partir de diferentes contextos empíricos, várias modalidades diferenciadas e diferenciadoras de atribuição de sentidos e significados à ciência e tecnologia em sociedade.

AUTHORS

HELENA MACHADO

Departamento de Sociologia, Universidade do Minho, hmachado@ics.uminho.pt

ANA BRANDÃO

Departamento de Sociologia, Universidade do Minho, anabrandao@ics.uminho.pt